A VIDA DE TANCREDO NEVES*

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

Fomos homens da mesma geração. Crescemos, vivemos, lutamos, atuamos paralelamente, embora sempre em divergência política, porque ele era militante de um partido, o PSD, e eu militante do partido contrário, a UDN. Apesar disso, nossas relações nunca sofreram nenhuma rusga, nenhuma dificuldade, nenhum estremecimento. Tivemos momentos de contradição trágica, como no período em que eu era líder da Oposição na Câmara, e ele Ministro da Justiça de Getúlio Vargas. Aqueles dias foram dramáticos para nós, mas a verdade é que sempre pudemos nos defrontar face a face, sem que nenhum tivesse ressentimento do outro, nenhum aborrecimento com o outro ou com o que um tinha feito contra o outro.

Tancredo Neves representou na nossa geração mineira — e, até certo ponto, na geração brasileira — o grande político. Ele foi essencialmente o homem político, em termos de formulação da ação política, em termos de aparelhamento profissional para essa ação. Não há possibilidade de uma política ser verdadeiramente atuada, realizada, sem que ela contenha uma base racional, uma base que eu chamaria, um pouco enfaticamente, ideológica; chegaria ao ponto de chamar filosófica. Não há política sem filosofia. Quer dizer, não existe ação que não seja condicionada a uma forma coerente de pensamento, de raciocínio, de razão. E Tancredo Neves tinha esse pensamento, esse raciocínio, essa razão. A política praticada sem esse embasamento intelectual não é propriamente política. É uma atuação incoerente, uma atuação contraditória, uma atuação muitas vezes anárquica. O verdadeiro sentido da palavra anárquica vem de anarquia, vem de falta de arconte, quer dizer, anarquia é ausência da autoridade do arconte, ausência do sentimento da ordem, e isso é uma coisa que sempre prejudicou aqueles que assim procedem no meio da política, procedimento que não tem o embasamento racional, uma orientação. Eu chamaria orientação filosófica colocando a palavra no seu sentido mais simples, quer dizer, do raciocínio abstrato a fim de atingir objetivos concretos. A política parte de um raciocínio abstrato sobre uma avaliação, sobre uma consideração da sociedade, a fim de atingir determinados objetivos concretos. Quando isso não se dá, ela passa a ser um jogo de interesses incoerentes, um jogo de atitudes contraditórias, e isso nós temos visto muitas vezes no Brasil.

Voltemos a Tancredo Neves. Eu sempre o conheci assim. Ele não expunha os seus pensamentos em termos, vamos dizer, magistrais nos dois sentidos, no sentido malicioso e no sentido comum, quer dizer, ele não falava como se esti-

* Discurso proferido no Instituto Histórico.

vesse ensinado, ele não falava como mestre, mas as considerações com as quais ele defendia a sua ação eram sempre magistrais, porque elas obedeciam a um critério coerente, antecipadamente estabelecido dentro do seu raciocínio. Muitas vezes a ação dele parecia um pouco estranha, como foi essa costura final que ele fez no seu governo. Mas essa costura final procurava duas coisas sobre as quais ele uma vez conversou comigo, como governador de Minas: procurava a estabilidade e a autoridade. Ele procurava fazer qualquer coisa que tivesse estabilidade própria, mas que se submetesse à autoridade, não pessoal, mas do posto que ele desejava ocupar.

Em termos de ação — devemos ser sinceros —, a política é o exercício da influência sobre a comunidade social. Então essa influência de uma pessoa ou algumas pessoas sobre uma comunidade, ou de um grupo de pessoas sobre uma comunidade só pode ser exercida através da formação de determinados grupos, que sociologicamente chamamos "as elites". Aqui eu queria entrar num raciocínio que me parece razoável. Neste momento, discute-se muito o problema das elites. Todo o mundo fala que a política que se pretende organizar em busca de uma composição jurídica, histórico-jurídica, para a situação que o Brasil atravessa, tem o perigo de ficar entregue às elites. Eu tenho refletido muito sobre isso: quando é que uma política não foi exercida por elites. A questão das elites é inerente ao exercício da política, porque, como é que se pode exercer influência sobre um grupo indefinido e extremamente numeroso, a não ser que esta influência corresponda a certas condições, certas qualidades, a certo tipo de ação desse pequeno grupo? Esse tipo de elite pode variar infinitamente, de acordo com as condições da sociedade, ou com a imagem do tempo, com o progresso do tempo, mas é impossível pensarmos em realizar uma política sem que haja, como elemento realizador, uma elite. Por exemplo, no Vaticano há certo números de cardeais; na democracia há certos partidos cuja chefia compõe-se de poucas pessoas que movimentam enormes multidões na representação, na votação. Não há elite mais típica do que a do Partido Comunista Soviético. O número integrante, realmente, daqueles que compõem as forças diretoras desse partido é muito pequeno, menor do que em qualquer outro daquela importância, daquela significação, daquele poder, em qualquer Estado poderoso que não a URSS. Então, isto não é especificamente uma elite? Portanto, vamos desmascarar desde já essa espécie de bobagem que anda circulando por aí, que temos de fazer uma Constituição por um grupo que não seja de elite. Dependendo da situação do Brasil, esse grupo de elite emergirá evidentemente. Hoje eu dizia isso a um jornalista que me perguntou e não gostou muito da resposta. Ele dizia assim: a construção do sistema constitucional deve hoje sair desse negócio de ler, de saber, de ter estudado. É uma coisa interessante, uma coisa curiosa, o sujeito que lê, que estuda, que conhece essas coisas, mas isso não tem mais importância na formação de uma estrutura do Estado, ela emerge naturalmente da pressão das massas, ela se eleva pelo sentimento das massas. Eu perguntei: mas onde é que o senhor já viu isso? Em que lugar, em que época da história, em que ocasião o senhor já assistiu a uma coisa parecida? Então ele ficou um pouco constrangido, porque não se lembrava muito bem de ter visto isso em qualquer lugar. O fato é que outubro de 1917, em Moscou, saiu de dois homens que eram de uma pequena elite intelectual — Lenine e Trotski.

Tancredo pertenceu a um tipo de mineiro que forma uma tradição no Brasil, mas tradição um pouco ilusória, porque acho que nós, mineiros, somos o resultado de um mito, temos uma personalidade histórica que é muito criada pela

fantasia daqueles que a nós se referem, ou que nos observam. Existe uma espécie de mito em torno de Minas, mas esse mito nos dá uma espécie de consciência, e procuramos investir-nos daquelas qualidades, daqueles atributos que os outros nos impõem. Ficamos, então, pensando que somos assim. Eu confesso aqui, debaixo de grande reserva, que não somos tanto assim, não. Mas esse mito é qualquer coisa que nos faz bem, e então passamos a representá-lo. Esse mito eu expus a Tancredo na noite em que ele me convidou para recebê-lo na Academia Mineira de Letras, grande honra para mim. Ele não era ainda governador, mas já estava eleito, de maneira que tinha aquela temibilidade tremenda, aquela impersonalidade do poder. Sujeito que chega a governador, chega a presidente etc., despe-se muito de seus atributos pessoais e passa a ter uma espécie de sacralidade, aquela sacralidade do poder. Abordei esse assunto no discurso que fiz, mostrando que ele estava investido daquela sacralidade antecipada, e que era com muita cautela que eu me aproximava daquela fonte de trovões e de raios, que é o Palácio da Liberdade.

São três atributos que os brasileiros nos emprestaram e que aceitamos com grande alegria, embora saibamos que eles são um pouco fantásticos. A mineiridade é uma espécie de consciência da responsabilidade da maneira de ser que nos atribuem. Quer dizer, é o moderado, o prudente, o construtor paciente. Então, esse tipo é que eu chamo de mineiridade, a consciência de uma certa responsabilidade histórica reconhecida pelo país. A mineiridade, por sua vez, se exerce através do mineirismo, que é uma forma de ação correspondente à consciência da responsabilidade.

Depois do mineirismo, então, vem a mineirice, que é aquela manobra, aquela malandragem, aquela simulação. Eu vou dizer o que é mineirice por meio de uma história que contam em Minas. Dois sujeitos encontram-se na praça da estação em Belo Horizonte, nos saudosos tempos em que havia trens de ferro. Então, um disse para o outro: "Você vai viajar?" E o outro diz: "Vou." "Aonde é que você vai?" "Vou a Barbacena." Aí o primeiro observou: "Você está dizendo isso para eu pensar que você vai a Queluz, mas vai mesmo é para Barbacena." Esse tipo de mineirice, o Tancredo tinha muito. Atingir diretamente por via indireta. Ele atirava no que não via para chegar ao que via. Ele tinha um jeito de chegar ao que ele queria, como os remadores. Aliás, essa frase é clássica: remando de costas. Ele remava de costas para o seu próprio objetivo. Esse é o lado de mineirice, mas ele tinha também o mineirismo, quer dizer, tinha consciência do seu papel histórico, e tinha a mineiridade, quer dizer, a dedicação àquele papel que, nos últimos tempos de sua vida, o Brasil lhe ofereceu. Ele se deixou sacrificar. Tancredo, nos últimos tempos, talvez soubesse que poderia morrer.

Tancredo nasceu em São João del Rei. São João del Rei é muito importante para nós, mineiros. É o início de Minas Gerais. A Comarca do Rio das Mortes é o princípio do que se pode chamar civilização mineira, porque em São João del Rei, ou nos seus arredores, passaram-se alguns dos momentos básicos da civilização e da cultura de Minas Gerais. O Rio das Mortes é um nome que foi dado em função da guerra primitiva, selvagem, dos primeiros anos do século XVIII, uma guerra que era o processo de fusão de elementos variados numa só nação. Os brasileiros que figuravam na Guerra dos Emboabas eram brancos parecidos com índios. Eles andavam descalços, de pés no chão como os índios, e não de botas como os portugueses. Os brancos da terra, vindos de São Paulo, vara-

vam aqueles sertões em condições muito parecidas com as dos índios. Os emboabas eram os lusos que usavam botas.

São João foi o centro inaugural de defesas daquelas riquezas do ouro descoberto pelos paulistas. Aquela parte da história mineira é extremamente significativa para a compreensão do que vem depois. Tancredo não vem propriamente dessa época, mas sua gente estava em São João del Rei havia muito tempo, quando ele nasceu. São João del Rei — não sei se conhecem — é realmente uma cidade privilegiada, porque além da beleza urbana, ela tem graça paisagista.

Não é muito fechada como as outras cidades, como, por exemplo, Ouro Preto, que é enclausurada pelas montanhas distantes. São João del Rei tem aquelas aberturas, aqueles horizontes, aquelas larguezas do sul de Minas. Na verdade, é um limite entre o oeste e o sul. As fronteiras do sul da capitania estavam na Comarca de São João del Rei, que confinava com São Paulo no princípio da organização administrativa. Quanto à parte histórica, lembremos que Tiradentes nasceu em São João del Rei e não na atual cidade de Tiradentes, cujo nome foi dado pelo meu avô, Cesário Alvim, primeiro presidente republicano de Minas Gerais. Ele, com aquele ímpeto de glorificar a memória do mártir, deu a São João del Rei o nome de Tiradentes. Mas o mártir nasceu na Fazenda do Pombal, que no seu tempo era no município de São João del Rei. Só depois que ele morreu é que seu lugar de nascimento foi transferido para a cidade de São João del Rei. O nosso saudoso companheiro Canabrava Barreiros, que foi sócio do Instituto Histórico, tem um estudo muito bom sobre isso. Ele deixa o fato perfeitamente esclarecido. São João é o berço de Tiradentes, aliás, o berço de muitos outros. Quero lembrar aqui pelo menos um deles, o Marquês de Baependi, Nogueira da Gama, nascido em São João del Rei quando Tiradentes ainda era moço. Convém recordar que Nogueira da Gama foi antepassado direto do nosso grande companheiro Pedro Calmon.

Desde cedo, São João del Rei foi importante centro de imprensa. Como exemplo, basta lembrar Batista Caetano, um dos principais estudiosos da língua tupi no Brasil, vivamente elogiado por Capistrano de Abreu, que foi jornalista naquela cidade, onde fez o curso secundário. Há uma quantidade de personalidades importantes que foram intelectuais da cidade, como Gastão da Cunha, um dos colaboradores do Barão do Rio Branco.

Isso tudo fez com que a cidade natal de Tancredo se tornasse ao mesmo tempo uma espécie de academia mas também de museu, com peças como as igrejas de São Francisco e a do Pilar, com suas pinturas.

A devoção do Pilar é extremamente antiga na Espanha e em Portugal e, em Minas, data dos primeiros tempos da capitania. Não esqueçamos a igreja do Carmo, das mais bonitas do Brasil. O Carmo e o Rosário contam entre os monumentos religiosos nacionais, mas São Francisco de Assis é das coisas mais lindas que existem na América. São Francisco de São João del Rei exibe a colaboração do Aleijadinho no risco da fachada.

Augusto Viegas, o melhor historiador de São João del Rei, foi o mestre político de Tancredo Neves. Ele formou-se politicamente à sombra desse grande líder municipal, desse homem que sabia tudo, história, direito, administração pública, enfim, que era uma personalidade muito rica, e contou, desde muito jovem, com um professor que era também um guia.

Desejo agora falar de Tancredo como homem político e do que ele representou para o Brasil sob esse aspecto. Pude acompanhar isso de perto porque estive com ele algumas vezes no tempo em que ainda se achava no governo mineiro

e estive, outras vezes, depois que já tinha deixado o governo para conduzir a campanha democrática. Depois de eleito presidente da República, encontrei-o poucas vezes, mas nelas recolhi algumas impressões que me calaram fundo. Nunca nos tratamos por você, o que representa mineirismo. A intimidade entre adversários políticos dificulta às vezes mais o acordo do que a cerimônia. O mineiro procura manter, na cerimônia, uma atmosfera especial de calma, propícia ao entendimento. Certa vez, já eleito presidente, ele me telefonou e disse, com voz muito calma: "Ministro, pobre quando bate à porta de rico é sempre para pedir." Disse-lhe: "Senhor presidente, o senhor está mandando no Brasil, não tem nada para pedir." "Não, eu quero realmente lhe fazer um pedido." O pedido era dar-me o encargo de presidir à Comissão de Estudos Constitucionais. Como poderia eu recusar, mesmo aos 80 anos, um pedido que era uma ordem do presidente? Aceitei com apreensão, prevendo os riscos e as injustiças, mas já munido dessa dose de paciente indiferença, que é a melhor defesa contra as incompreensões e os ressentimentos.

Recordarei aqui outro fato expressivo da sua maneira de ser. Como governador, ele deu um jantar em Belo Horizonte e convidou várias pessoas. Tancredo estava particularmente feliz naquela noite, pouco antes de deixar o governo. Entre muitos amigos, estava numa alegria muito grande, fazendo observações maliciosas sobre contemporâneos. Eu estava sentado defronte dele e estranhava que, sendo de estatura baixa, avultasse no conjunto. Findo o jantar observei isto a Anah, minha esposa, que ficara ao seu lado. E Anah me explicou: a cadeira dele era mais alta do que as outras. O governador agia politicamente até num jantar oferecido a amigos. E fazia muito bem. Não impunha a pessoa, mas destacava a função pública. O mais humilde Papa faz-se carregar na sua cadeira, em São Pedro...

Isso mostra um pouco o traço do homem do poder, do homem que compreende a liturgia do poder, quer dizer, a parte que o poder tem de litúrgico, para se fazer respeitar. Ele sabia que ali não era mais um dono de casa, era um símbolo do poder, não só daquele que exercia, mas do poder nacional para o qual se encaminhava.

Tancredo tinha também uma espécie de confiança em sua sensibilidade política, muita confiança no acerto das suas intuições, não tanto no acerto do seu saber, no acerto do seu conhecimento, mas no acerto da sua intuição, na sua capacidade de discernir, adivinhando. Havia nele qualquer coisa de particular nisso. Eu, por exemplo, não tenho essa espécie de intuição para as coisas que a gente não está vendo ou compreendendo. Tancredo tinha uma espécie de visão das coisas que não estavam visíveis. Isso tem importância, e influiu bastante no destino dele, pois seu destino foi das ascensões mais curiosas do presidencialismo brasileiro. Nunca houve, a meu ver, ninguém que tivesse uma carreira tão atraente e misteriosa entre os presidentes eleitos do Brasil. A maneira pela qual ele atingiu o poder foi calculada, foi como um jogo que ele houvesse preparado e no qual tudo deu certo. Naquele jogo ele se foi isolando, como homem que não poderia emergir, mas isolado; assegurava-se das condições, das maneiras pelas quais viria fatalmente a emergir, porque não disputava, esperava. Havia em Tancredo qualquer coisa que eu notava, duvidando da minha observação, mas que os fatos viriam a confirmar depois. Refiro-me a uma espécie de pré-ciência das dificuldades. E aí é que eu acho que o destino dele foi misterioso, porque parece que Deus deu-lhe a vitória mas privou-o da vida, isto é, privou-o das dificuldades da vitória. Quero dizer, a ausência de Tancredo fez aumentar

a sua presença de homem sujeito aos erros, como todo os homens. Ele passou a símbolo inatacável da reconquista democrática.

A presença dele se dilatou enormemente com a ausência. E o Brasil precisa dessa presença imanente, dessa presença transcendente no plano político, dessa presença que não se choque com as ambições, com as aspirações, com as maldades, com os erros, os ódios e os ressentimentos, os interesses. Uma presença que supere tudo pelo sacrifício. Não estou dramatizando, não estou colocando isso no plano espiritual; insisto em que estou colocando no plano humano e político. Quero dizer, como na vida, a presença do ausente é maior do que a presença do presente. Ela é mais importante, talvez. Não estou querendo fazer nenhuma maldade, estou falando historicamente. A ausência dele é uma tragédia para muita gente, para a esposa, os filhos. Mas para nós, no Brasil, eu acho que a ausência dele tem uma significação que a presença não teria. O vivo não pode sempre encarnar o ideal; isto só cabe a certos mortos. Os mortos estão acima do exemplo, situam-se plano da significação e da inspiração. Eles não comandam, mas iluminam.

Essa espécie de presença transcendente é a maior força que há hoje no Brasil, porque é a única força capaz de captar as outras que se podem desencadear, e nós não sabemos em que condições elas se desencadearão. Estamos a um passo do centenário da Abolição e da República, mas temos ainda uma enorme parte da população escravizada à miséria, à ignorância, à fome, à falta de habitação, à injustiça. Temos de fazer uma nova Abolição e uma nova República; a Abolição da miséria e a República da liberdade. Precisamos ter um lume, uma presença que seja pacificadora para os revoltados, animadora para os moderados, que seja capaz de conduzir o país àquilo que nem todos nós vamos ver, mas muitos o verão, até o fim do século. Por isso é que eu acho que a ausência de Tancredo é mais importante do que a presença, porque o nome dele, até agora, é capaz de conter, é capaz de estimular, é capaz de entusiasmar, é capaz de arrastar, se houver sabedoria, se houver prudência, se houver habilidade. Nas lideranças políticas, a presença dele precisa continuar após sua morte.

